

LEVI, Primo. *A chave estrela*. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Duas almas demasiadas: de chaves e de estrelas em Primo Levi

Luciara Lourdes Silva de Assis*

Em *A Divina Comédia*, Dante, ao começar sua viagem pelo Inferno, encontra às portas da “cidadela ardente” uma terrível inscrição, verdadeiro prenúncio de um caminho sem volta: “Deixai toda esperança, ó vós, que entráis”. É também diante de um sombrio letreiro que Primo Levi ingressa no campo de concentração de Auschwitz: “Arbeit Macht Frei”, isto é, “O trabalho liberta”. Em que pese a diferença de tempo e de circunstâncias que separa Dante de Levi, em ambos os casos, é a letra que marca um limite entre dois mundos, advertindo os recém-chegados de que estão prestes a penetrar em um território assustador e desconhecido.

A frase escolhida pelos nazistas para “receber” os judeus feitos prisioneiros nas diversas regiões da Europa não poderia ser mais irônica. Aqueles que entravam no campo e eram submetidos a trabalhos forçados dificilmente veriam de novo a liberdade. Primo Levi foi um desses poucos que sobreviveram ao “inferno” de Auschwitz. Anos após sua libertação, ele escreve *A chave estrela*, obra que faz um elogio do trabalho livre, bem-feito, capaz de engrandecer aquele que o pratica, opondo-se à infame mensagem do campo de concentração.

Publicado na Itália em 1978, *A chave estrela* chega ao público brasileiro neste ano de 2009 pela Companhia das Letras, em excelente tradução de Maurício Santana Dias. Trata-se de um romance composto por quinze narrativas, cujos personagens principais são Libertino Faussonne, um montador de estruturas gigantescas que conta as histórias de sua profissão, e seu interlocutor, um químico especialista em vernizes e escritor. Italianos de Turim, eles se conhecem na Rússia, onde ambos estavam a trabalhar, e encetam uma amizade desenvolvida por meio das conversas que giram sempre em torno do grande tema da obra. Na maior parte dos contos, Faussonne relata suas aventuras ao atento amigo, que se propõe a escrevê-las e publicá-las posteriormente. O interlocutor também conta algumas das histórias relacionadas a seu duplo ofício e apresenta algumas ideias sobre elas.

Com uma linguagem leve, em um tom que beira à conversa informal, carregada de provérbios e termos técnicos, Faussonne narra suas experiências como montador em várias partes do mundo – Índia, Alasca, Rússia, Turquia. De espírito inquieto, confessa que escolheu a profissão pelo gosto de viajar. Enfatiza que sempre é escalado para os trabalhos mais exigentes, pois, segundo a própria opinião e sem falsa modéstia, é competente naquilo que faz. Mais que encarar o trabalho com seriedade, Faussonne o ama verdadeiramente, conforme o narrador acaba por concluir, ao refletir que a labuta diária é um terreno menos explorado que a Antártida. Percebe-se que ele tem razão se se transferir essa reflexão para a realidade atual, num mundo em que o trabalho muitas vezes funciona como um instrumento de opressão, ou é considerado apenas obrigação, necessidade.

Espécie de emblema da profissão, a chave estrela é utilizada pelo montador para armar e reparar *derricks*, pontes e torres. O nome da ferramenta, devido ao formato do instrumento, carrega um traço poético e remete a uma das imagens mais líricas do texto: a poeira de estrelas, um pozinho metálico que Faussonne encontra no alto das torres e que, de acordo com um contratador, era originada das estrelas cadentes. O pó das estrelas cadentes metaforiza as esperanças, os sonhos e os desejos que se desfazem todos os dias.

Os dois ofícios do interlocutor de Faussonne igualmente entram em cena. No capítulo “Tirésias”, o narrador assume a palavra e, ao contar a história do vidente cego, diz que um dos privilégios do escritor é a possibilidade de permanecer no indefinido e de poder inventar a mão livre, pois as

estruturas que ele constrói, ao contrário daquelas do montador, não têm necessidade de se sustentarem. Essa reflexão metalinguística, bastante significativa, evidencia o aspecto criação como a grande vantagem da literatura, que, por estar situada em uma região de indeterminação, não conhece limites para sua expansão. A despeito, porém, da “irresponsabilidade” do escritor enunciada no texto, pode-se dizer que a literatura de Primo Levi, tanto a testemunhal quanto a ficcional, pauta-se por um compromisso com a ética, elemento que passou a ser indissociável da estética depois de Auschwitz.

Mais ao final do romance, o narrador volta a intervir, ocupando a posição do contador de histórias. É então que faz uma curiosa comparação entre o ofício de montador e o de químico, aproximando as duas profissões de forma surpreendente e até poética. Ambos se dedicam a montar e desmontar estruturas, mas enquanto o primeiro trabalha com objetos visíveis, o outro manipula as moléculas, que não podem ser vistas nem com o microscópio mais avançado. Os químicos, na opinião do narrador, assemelham-se a elefantes diante do banquete de um relojoeiro, pois seus dedos são muito rudes perto daquelas “coisinhas”. Aparentemente os átomos nada têm a ver com poesia, mas Italo Calvino, quando propõe a leveza como qualidade da literatura, lembra que a ciência contemporânea tende a explicar o mundo em termos de “entidades sutilíssimas”, entre as quais encontram-se justamente as partículas atômicas e subatômicas.

O narrador de *A chave estrela*, de primeira pessoa, se dispõe a contar as histórias que lhe foram relatadas por Faussonne. Mas é na voz do próprio Faussonne que se escutam as aventuras vividas por esse trabalhador que ama a profissão. O romance é, assim, construído na forma de um diálogo, embora na maior parte da narrativa evidenciem-se os monólogos de cada um dos narradores-personagens.

Conhecido pelos relatos de testemunho do campo de concentração, entre os quais se destaca “La trilogia del Lager” (*É isto um homem?, Os afogados e os sobreviventes, A trégua*), Primo Levi escreve uma obra a que poderíamos chamar “ficcional”. É possível, porém, identificar nela elementos autobiográficos. A associação entre Levi e o narrador do romance – do qual não se sabe o nome –, um químico turinense que pensa em abandonar esse ofício para se dedicar exclusivamente à literatura, acontece de forma quase imediata.

Em outras obras da lavra ficcional de Levi, o narrador em primeira pessoa volta a aparecer, assim como referências biográficas. Isso acontece especificamente em seus *71 contos*, edição brasileira de três livros publicados separadamente na Itália. Em muitos desses contos fantásticos, que recriam mundos imaginários e situações inusitadas, uma voz ecoa diretamente de um campo de concentração, em narrativas que mesclam fatos históricos, traços autobiográficos e elementos fictícios. Dessa forma, as fronteiras entre os universos real e ficcional encontram-se bastante diluídas, tornando-se difícil separá-los.

Em *A chave estrela*, ao contrário, pode-se afirmar que tais limites são mais precisos, uma vez que podemos até reconhecer Primo Levi no narrador, mas, pelo que parece, o montador chamado Libertino Faussonne e suas histórias devem sua existência à pena do escritor.

No entanto, também nesse romance visualiza-se um campo indefinido, incerto, uma zona de sombra, para usar uma expressão de Faussonne. Não é possível afirmar ou negar até que ponto Primo Levi compartilha das ideias, sentimentos e angústias do químico-escritor ficcional. Talvez se possa levantar a hipótese de que os contos de *A chave estrela* constituam um meio de expressar o estado de espírito de Primo Levi no momento em que ele decide abandonar a carreira de químico para exercer unicamente o ofício de escritor (o ano de publicação da obra – 1978 – marca essa mudança na vida de Levi). O narrador confessa a Faussonne que, com a dupla profissão, “parecia levar no corpo duas almas demasiadas”, o que bem poderia traduzir a experiência de Levi. Mas trata-se apenas de uma hipótese.

Com uma história construída por vários relatos, envolvente, leve, poética, chegando a ser divertida e bem-humorada, Primo Levi traz à cena a importante temática do trabalho e deixa transparecer o interesse pela humanidade que é característico de toda a sua literatura. O “eu” que aparece nessa obra e em tantas outras parece reafirmar a necessidade de se posicionar no mundo de forma atuante, crítica e transformadora.

* **Luciara Lourdes Silva de Assis** é Mestranda em Teoria Literária, no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG.